

ANL

REVISTA

Cascudo: Um sol iluminando o Brasil
Diógenes da Cunha Lima

O adeus a Anna Maria



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor:

Manoel Onofre Jr.

Editor:

Thiago Gonzaga

Diagramação e capa:

CJA Edições - www.cjaedicoes.com.br

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 42, jan./mar.2015.

ISSN: 0567-5995

I. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Offset Editora
Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira - Natal/RN - 59012-370
(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

A literatura potiguar ou um sistema dissimulado

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

3. Sistema - livro
2. Trabalho
3. Escrita
4. obra
5. Livro

Os últimos anos temo visto se afirmar uma literatura no Rio Grande do Norte, seja pela redescoberta e pelo reconhecimento de nomes do passado, seja pela intensificação e afirmação de alguns nomes e grupos na cena contemporânea, seja ainda pela formação de núcleos interessados em fomentar a crítica, a publicação e a divulgação das obras. E, embora o número de livrarias – depois de um significativo aumento – volte a diminuir e ocupar uma posição vergonhosa a nível nacional, parte delas trabalham com uma política de valorização da literatura local a partir de espaços exclusivos para autores que têm pouca ou nenhuma divulgação no grande mercado editorial; esta que é, entretanto, uma atitude um tanto questionável e esperamos discuti-la ao longo deste texto. Em linhas gerais, isso significa dizer que vimos construindo também uma consciência literária.

Quando saímos desse universo de produção, divulgação e circulação da literatura e vamos para o que se produz de leitura crítica sobre as obras, lugar hoje ocupado em grande número pelos cursos de Letras (e são muitos no Rio Grande do Norte) ou mesmo a leitura comum, àquela que deve estar integrada às aulas de Língua Portuguesa na formação básica, percebemos certo fosso: vemos se repetir não apenas o desconhecimento de uma literatura potiguar por parte de professores e alunos, como uma quase total ignorância sobre o que se passa contemporaneamente nesse cenário; mesmo que haja o esforço minoritário de alguns cursos na ampliação de lugares na academia onde se possa pensar o fazer literário no estado, por exemplo, o que se nota é um isolamento construído por ambos os lados – dos grupos literários formados pelos que escrevem e da academia e escolas de ensino básico.

O que este texto busca é examinar a estrutura do sistema literário potiguar compreendendo por esses termos o ciclo autor → obra → público para, a partir disso, visualizar a posição que ocupa

este sistema em relação à literatura nacional. Compreende-se que o grupo produtor deva ter mais ou menos uma consciência sobre o seu papel; que a obra alcance níveis estéticos que a aproxime ou mesmo ultrapasse o cânone; e que o público possa se constituir de forma heterogênea a ponto de não apenas ser dado ao consumo da obra, mas possa construir uma posição crítica acerca do lido. Essa aproximação dos termos e sua relação na formação de um sistema literário não têm um fim aqui, já que cada um deles se constitui de amplas ramificações as quais muitas das vezes serão motivo apenas de menção para esta ocasião; em suma, diríamos que este texto tem muito mais de provocação pautada em algumas situações vistas a olho nu por quem se interessa em compreender as fronteiras do sistema literário potiguar.

É, portanto, um texto datado pelo menos por uma geração, visto que o curso das transformações desses elementos está diretamente relacionado aos movimentos da cultura, da sociedade e da história de um grupo, o que quer dizer que não são transformações oferecidas de uma hora para outra, mas produzidas da sedimentação de uma série de pequenos acontecimentos; não dizem ainda de uma visão acabada sobre o tema, visto que estamos lidando com um sistema em movimento e algo que se aproximasse não de um acabamento, mas de uma visão mais completa, exigiria maior tempo de observação da natureza e do fenômeno literário e conseqüentemente maior espaço de maturação. Também não tem interesse ser uma intervenção direta, quando muito um adendo crítico, sobre a ordem desse sistema, uma vez que, sua movimentação não tem lugar apenas numa atitude desse tipo isolada, mas numa atitude que atinja ao menos em parte suas componentes. Por exemplo, ao produzir determinado deslocamento estético ou estabelecer a presença de um dado tema ou aspecto numa obra, isso necessita ser observado pela leitura crítica ou se tornar obsessão recorrente – ora de aproximação ora de distanciamento – entre os outros escritores. É essa comunicação entre as componentes do sistema o que assegura no tempo e no espaço uma movimentação das suas fronteiras e do seu aspecto.

De certo modo, estamos alinhando o sistema literário potiguar à ordem de outros sistemas do tipo, já que vista de perto toda literatura é movimento, tenha ela a quantidade de séculos que tiver.

Uma não é foral, um o livro, mas o livro é em

Mas, consideraremos para o caso que nossa literatura encontra-se num estágio primitivo, dada sua recente maturação em relação a outros sistemas. E, mesmo integrada a movimentos significativos da literatura nacional e estrangeira, e por vezes até exportadora de estéticas, como é o caso do Poema Processo, o tempo que a rege é outro, portanto é uma literatura que carece de ser pensada com outras bases que da história tradicional; nossa juventude sequer permite uma visão clara e igualmente pronta acerca de uma tradição própria, de modo que soa estranho, toda vez que alguém vem falar que determinada obra ou autor rompe com a tradição. O termo, aliás, em qualquer situação necessita sempre de uma contextualização porque tem ele suas especificidades e, no caso do Rio Grande do Norte, com o desabrochar de uma consciência literária tão recente, mais ainda.

Embora tradição possa ser tudo o que nos antecede, soa anacrônico considerar um autor ou uma obra do nosso tempo, por exemplo, como tradicional se, nem um e nem outro, chegou ainda a ser representação ou singularidade de seu tempo, se é ainda parte de um processo em curso carente de uma série de acontecimentos, inclusive tempo, para que assim possa, de fato, nomear-se como tradição. Não é o caso que nosso sistema seja desprovido de nomes ou de obras capazes de constituir o que estamos chamando por tradição literária, mas há fatores que ainda carecem ser vencidos até que possamos especificar o que está no nosso passado com estes termos.

Mesmo a tradição sendo um processo cujo fator temporal é entregue aos ditames do tempo. É a recorrência dos escritores e dos leitores o que dá forma a tradição e, por isso, nem um nem outro pode, a ponto de legitimar o presente, virar as costas para o passado. Lá estão os que são considerados fundadores e os que estabeleceram temas, formas pelas quais os que sucedem devem trabalhar sobre. Como linhas de força entre os tempos, os escritores e os leitores precisam estar sempre atentos ao conjunto das produções literárias do passado e do presente. Por isso que, nesse caso, a política da leitura é tão importante – embora, estejamos fazendo distinção escritor/leitor – para a formação geral, isto é, de um público que leia e de um público que escreva. O escritor não pode, sob o crivo de não ser influenciado pelo passado ou de aderir a um modismo corrente, deixar

Embora não sejam

de ter contato com o passado nem com seus pares; não pode ignorar que, mesmo sendo parte de um sistema literário menor, também não tenha qualquer responsabilidade diante do clássico. Fechar-se em si como o centro do mundo sem contato com o que lhe é externo é uma das principais deficiências dos autores de nossa literatura.

Parece que temos nos habituado com o faz de conta, com a ignorância e o mau gosto, três graves faltas que atrasam a formação intelectual de nossos escritores. Parece ser ainda corrente entre nós a falsa mística do escritor inspirado, o que escreve porque escreve, o que escreve porque é tomado de uma necessidade de escrever, e os escritores têm estado sempre desatentos à compreensão de que o que exercem é uma profissão cuja ferramenta de trabalho é a linguagem e nesse exercício uma de suas obrigações, quase regra primeira, é se abeberar de todos os materiais do tipo que quer produzir, dentro e fora de seus limites literários, a ponto de estar em contato com a lapidação de sua escrita, que dentre tantas, deve garantir uma identidade própria.

No atual cenário são raros os escritores que têm essa preocupação com uma formação pautada no trabalho de intensa leitura e laboração estética da linguagem. Grande parte está cerrada no seu próprio mundo do escreve-publica e dispensam uma postura crítica e elaborada sobre seu próprio trabalho, na maioria das vezes protegido pelo cômodo cenário que ocupa, esse minúsculo e menor lugar onde a obra transita pelas mãos de poucos que sem um critério formado enaltecem-na em detrimento da amizade pessoal. Quando não, deixam-se tomar por um bairrismo; colocam a literatura local num gráfico de valores cuja maior importância deve ser obrigatoriamente dada aos de casa não importando que qualidades tenham a obra. Muitas vezes substituem o clássico em detrimento do escritor do bairro. Toda forma de bairrismo como toda forma de extrema valorização do que vem de fora, é também uma forma de pedantismo. E é preciso saber que em se tratando de literatura, mesmo esta sendo também produto do embate entre o atual e o clássico há uma ordem impossível de ser desfeita. O clássico, por exemplo, é clássico e pronto. Dependerá da força com que o autor engendra sua obra fazer dela lugar ao lado do clássico. Escrever não é necessariamente ter demasiada consideração pelos outros, mas há que saber, obrigato-

riamente, o lugar conveniente onde possa pousar sua voz.

Não é só a técnica contínua da escritura aquilo que dá forma a um escritor; é sua inquietação perante o que escreve, resultado de uma postura crítica que se forma ora do contato com outras literaturas, ora do contato com o que dizem sobre seu trabalho, ora de sua relação com sua obra, relação essa que deve sempre ser a de distanciamento com o que escreve sob pena de ser contaminado por um orgulho que aflora naturalmente depois de ver elaborado o produto de seu exercício intelectual. Não se nasce escritor, torna-se. Esta talvez seja uma das consciências urgente de ser alcançada. Distanciando-se da obra, o autor também se distancia do mero afã de ser escritor, aquele com um número significativo de títulos, para fazer da profissão coisa séria, em que aí se unem em simultâneo trabalho e não divertimento, crítica e não palavras de massagem ao ego. Sim, a literatura é divertimento sério.

A obra literária nasce de uma motivação particular, mas não deve se fechar aí, também deve escapar dos lugares comuns e buscar uma aproximação com os sentimentos universais; de igual forma, deve primar por uma sofisticada elaboração formal e estética. São tais elementos que lhe garantem uma particularidade entre as demais obras e dão-lhe subsídio para angariar um lugar entre as do cânone. Embora haja elementos que funcionem como legitimadores – a crítica, os prêmios, o alcance do público etc. – o que define, de fato, a grandiosidade de uma obra é a própria obra. Nem é preciso dizer que apenas uma pequena parcela daqueles poucos que antes da caneta solta dão-se ao exercício da laboração literária são os responsáveis por obras dessa natureza. Que a escrita nunca é produto da inspiração gratuita – quando só isto, o que o escritor apresenta é um amontoado de situações a que denomina narrativa ou um amontoado de palavras soltas que alinhadas numa estrutura verbal clássica e chama isso de poesia. A prateleira da Literatura Potiguar, sobretudo a contemporânea, está cheia de ponta a ponta desse tipo de exercício mediocre e esta uma das causas do distanciamento de nossa produção literária do resto país e não apenas a acusação reiterada quase como um complexo de que estamos à margem dos grandes centros. Ousáramos dizer que aqueles casos em que os escritores fogem desse lugar repetido da periferia para os tais grandes centros se justificam

não como uma imaturidade ou fechamento aos confrades, mas a busca por espaço onde sua literatura possa ser lida como literatura; o que não pode ser compreendido como verdade absoluta – fosse isso e estaríamos à beira do abismo ou já teríamos angariado de uma vez por todas a glória nacional. Também fora dessas fronteiras há conveniências, o problema é quando elas se tornam vício.

Uma obra, entretanto, não se sustenta sozinha e nem mesmo caso de ser uma grande obra trará visibilidade por si só; necessita, sobretudo, de leitores. E o paternalismo com que uma obra ou escritor se sustenta – um problema vivo como um dos vícios mais grotescos na política literária potiguar – é o grande empecilho para a concretização de um sistema literário forte o suficiente para angariar sua amplitude de espaço e acesso ao cânone. Uma sociedade fechada de escritores e livros é o pior dos defeitos do bairrismo (pior ainda que o gesto “do só leio o local”), no momento em que estes (escritores e livros) devem circular por searas das mais diversas sob pena de não cair no ostracismo. Uma sociedade fechada produz uma literatura anêmica que só sustém à custa do seu próprio ego.

Aqui, permitam-nos um parêntesis sobre a sobrevalorização do local pela disponibilidade de espaços exclusivos nas livrarias para a apresentação de obras de escritores potiguar. À primeira vista, esta atitude parece coerente: chamar atenção dos leitores para o que se produz de literatura perto de si e que, por razão diversa, cai no seu desconhecimento. Mas, a situação é um tanto medonha quando descobrimos qual espaço é este, como as livrarias o organizam e como o mantêm. Não há qualquer fronteira entre os gêneros publicados e os livros não são apenas jogados de qualquer maneira como são expostos, em grande parte, nos recônditos da livraria. Se a reunião de títulos numa só estante já reitera certa segregação porque separa o local do universal, numa postura em que a literatura local é colocada como um apêndice das produções nacionais, inclusive, o que dizer dessas condições em que são apresentadas as obras? Fechemos o parêntesis e voltemos à especulação sobre as precariedades de nosso sistema literário. Mais adiante retornaremos a questão do papel das livrarias quando nos ativermos nas rotas do mercado editorial potiguar, questão para outra ocasião, mas que deixaremos a ponta dela pelo caminho neste texto.

Critica com: concuniente

Num sistema literário como o nosso não há escassez de leitores, temos é escassez de formação de leitores o que se reflete na deficiência da crítica literária e dos espaços de circulação dessa crítica. Aqui chegando, é notável já que concordamos haver incipiências em todos os eixos desse sistema, porque há antes de tudo uma escassez de mentes e de vontade política. Sim, a literatura não é um sistema morto ou elemento obsoleto da engrenagem social ou ainda sistema que se mantém sozinho fora da esfera social, mas produto e pulsão dessa engrenagem. Os leitores críticos ainda estão fechados nos seus gabinetes universitários e têm uma preocupação muito maior em redizer o que já foi dito pela crítica tida especializada que assumir uma leitura acurada e séria do trabalho a ser criticado; quando não, repetimos, estão presos a um favoritismo pessoal que se acaba numa troca de elogios (ou de farpas, se for a inimizade) e num claro exercício impressionista de leitura.

Reafirmamos que nas conveniências está o pior dos vícios; e, tudo finda com a falta de espaço em que, mesmo a crítica incipiente, se exponha. Se a nível nacional os cadernos de literatura foram transformados em cadernos de cultura para caírem no fim ou na pasmaceira, no Rio Grande do Norte, em nada difere e, por vezes, é mesmo mais caótico, seja pelo cerceamento dos grupos dominantes, seja pela natureza da crítica. Porque o que aprendemos a fazer e com falsa qualidade, e os jornais ainda inflam o peito para chamar de cultura, é fofoca. Produzir fofoca. Este cenário de apagamento do crítico só não se completa porque há os que persistem com os alternativos, com os blogs, os surgimentos das comunidades virtuais sempre atentas e hoje as que desempenham o papel de verdadeiros sismógrafos do que se passa na cena das letras contemporâneas, ainda que com um material que não tem, muitas vezes, nem tiragem e nem a circulação de um grande jornal. Mesmo assim, pode estar aí uma saída para o que se avista como crise que solapa todos os sistemas literários.

Mas, e o leitor comum? Voltemos ao lugar das livrarias, estas que devem também deixar de ser adestradas pelo capital a fim de servir de papel para angariar leitores. Grande parte delas não demonstra o menor interesse em servirem de espaço para intercâmbio entre obras, escritores e leitores. A prática da mera disposição de espaço

para o escritor potiguar sem quaisquer critérios está fadada ao fracasso, assim como a mera prática da comercialização sem o chamamento do público. De igual maneira se portam as poucas bibliotecas de que dispomos. Neste cenário, atravessamos a pior das misérias humanas; basta dizer que se contam pelos dedos das mãos e ainda sobram dedos vazios o número de livrarias, essas sobras são ainda suficientes para dar contas das bibliotecas públicas e (pasmem!) ainda ficam dedos órfãos. A miséria ou o apagamento literário do estado pelas políticas públicas de fomento da cultura é reflexo de uma instituição pouco interessada no aterramento do fosso social corrente entre público e poder dominante.

Provada nossa deficiência quanto sistema, prova-se também porque nossa literatura, apesar de não perder-se no sistema nacional por ser elemento constitutivo dele, não alcança o relevo necessário a fim de se firmar entre um dos desse sistema. Não é só a ignorância e o massacre de outros bairrismos nacionais – como os conduzidos pela literatura do centro-sul-sudeste do país –, sustentados pelos grandes conglomerados editoriais; é também a ausência de esforço dos elementos constitutivos de nosso próprio sistema ou certa anemia genética que insiste na baixa qualidade estética e se contenta com os subterfúgios que constroem para amolar egos individuais. Mesmo admitindo que, vez ou outra, tenhamos trabalhado em novos passos, em tudo, ainda engatinhamos.

Além do que, para uma literatura se constituir, é necessário, no interior dessa correlação autor → obra → leitor, a existência de um conjunto de obras que mantenham um diálogo entre si, uma correlação, e crie entre essa tríade uma perspectiva de continuidade. Voltamos aqui ao lugar da tradição, para que enfim, possamos colocar um ponto final nestas especulações. Para que um sistema literário ganhe movimento, é necessário que possua um projeto literário fundador cujo conjunto de obras que dele faz parte possa ter influência sobre outras obras. É esta rotatividade que denominamos de tradição; a tradição local deve, por sua vez, estar em correlação com a tradição nacional e é desse modo que podemos notar acerca de um valor do patrimônio simbólico junto a outras literaturas. Não há sistemas, vê-se, isolados.

Em várias ocasiões da história da literatura potiguar, visualizamos esse lugar, embora o que vigore (pelo próprio teor dos termos *ocasiões históricas*) seja uma descontinuidade. E isso não é negativo. Pelo contrário, é lugar propício para que se desenvolva o *diferencial*. Se nossa literatura *nasce* a partir de uma produção poética, por exemplo, (feito que se mantém pela quantidade de escritores do gênero), dotada pela imitação dos padrões literários nacionais, contemporaneamente, do ponto de vista estético e temático, quase que a totalidade dessa produção permanece indexada ao que chamaríamos de *talento individual*, quase que espontâneo, distante, portanto, de uma consciência estética universal. Podemos mesmo compreender que estamos no instante de formação de uma tradição. Resta ver o que faremos com as tentativas contemporâneas de direcionamento de nossa identidade literária conduzida de maneira diversa e adversa.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto é professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal Rural do Semiárido. É autor de *Palavras de pedra e cal* (poesia, edição independente) e *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* (ensaio acadêmico, Editora Appris).